

VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

PRÁTICAS DE LEITURA EM PORTUGAL: CULTURA DE LEITURA E CLASSE DE LEITORES

NEVES, José Soares

Doutor em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, Lisboa, Portugal

BPD/FCT (SFRH/BPD/84919/2012)

jose_soares_neves@iscte.pt

Resumo

Nesta comunicação abordo as práticas de leitura à luz, no plano teórico, do quadro conceptual que distingue cultura de leitura de classe de leitores e, no plano empírico, dos dados do último inquérito sociológico realizado em Portugal, com incidência na leitura em suportes impressos e nos contextos de lazer e de estudo/profissional.

Abstract

In this paper I discuss the practices of reading in the light, at the theoretical level, of the conceptual framework that distinguishes reading culture from reading class, and empirically, the data of the last sociological survey conducted in Portugal, with a focus on printed media and on leisure and study/professional contexts of reading.

Palavras-chave: Práticas de leitura; cultura de leitura; classe de leitores; Portugal

Keywords: Reading practices; reading culture; reading class; Portugal

Introdução

Uma das perspetivas que estuda os fenómenos da leitura defende que, se por um lado, se vem generalizando entre a população (a *cultura de leitura*), por outro os grandes leitores reduzem-se a uma minoria (a *classe de leitores*). Nesta comunicação discute-se a aplicação desta perspetiva teórica à realidade portuguesa. A estratégia metodológica adotada é extensiva quantitativa. O núcleo central da análise é o inquérito A Leitura em Portugal o qual tem por base uma amostra de 2552 indivíduos representativa da população portuguesa residente em Portugal continental, alfabetizada, com 15 e mais anos, e cujo trabalho de campo decorreu entre Novembro de 2006 e Janeiro de 2007.

1. Cultura de leitura e classe de leitores em Portugal

Na operacionalização das noções de *cultura de leitura* e de *classe de leitores* (Griswold, 2000; 2001; Griswold, Mcdonnell e Wright, 2005; Griswold, Mcdonnell e Mcdonnell, 2006; Griswold; 2008) à realidade portuguesa retêm-se, como indicadores de práticas, os suportes de leitura (jornais, revistas e livros), a tipologia de leitores de livros (pequenos, médios e grandes) e os contextos ou razões de leitura (de lazer e escolar/profissional) (Santos *et al.*, 2007). Do ponto de vista das características socioeconómicas dos leitores utiliza-se a tipologia ACM – Almeida, Costa e Machado (Costa, 1999, pp. 229-230; Costa, Machado e Almeida, 2007). Relativamente a esta última resulta de forma clara dos vários inquéritos sobre práticas culturais e públicos da cultura uma regularidade pesada: a sobre-representação nos praticantes culturais da categoria Profissionais técnicos de enquadramento (PTE). Assim, um aspeto de particular interesse analítico é o confronto entre o conceito de classe de leitores e esta categoria que parece ser a mais próxima quanto à composição social e às práticas de leitura. Paralelamente à generalização da leitura na vida quotidiana das populações, entre as grandes tendências que se vêm constatando nas últimas décadas está o declínio da percentagem da população leitora de livros. Disso são exemplo países como a França (Coulangeon, 2005; Donnat, 2011), Holanda (Knulst e Kraaykamp, 1997; Knulst e Broek, 2003), EUA (NEA, 2013, pp. 24-27) e o conjunto dos países da UE-27 (Eurobarómetro 399, 2013).

Quanto a Portugal, os estudos mais recentes (e coincidentes com o período de crise financeira e económica) confirmam aquela tendência. De 2007 para 2011 os leitores de livros caem dois pontos percentuais para 42% (INE, 2012, p. 37), ou, segundo um outro, dez pontos para 40% entre 2007 e 2013¹ (Eurobarómetro 399, 2013, p. T9).

Contudo, por via dos inquéritos sociológicos disponíveis – o último dos quais data justamente de 2007 – os principais traços eram a diminuição dos não-leitores e o crescimento dos leitores de cada um dos três suportes considerados, incluindo livros (Santos *et al.*, 2007).

O indicador leitores por suporte² do inquérito sociológico de 2007 mostra uma evolução positiva face ao de 1995 (Freitas, Casanova e Alves, 1997) com um forte acréscimo de 14 pontos percentuais nos leitores de jornais, e mais modestos, de sensivelmente 3 pontos percentuais nas revistas e nos livros (quadro 1). Em 2007, os jornais são, destacadamente, o suporte com mais leitores (83%), a que se seguem as revistas (73%) e, a alguma distância, os livros (57%). Relativamente ao inquérito de 1988³ a hierarquia dos suportes habitualmente lidos é análoga à que se evidencia no estudo de 2007, embora com percentagens mais baixas⁴.

Outro dado de grande relevância do ponto de vista da cultura de leitura é a diminuição em quase oito pontos percentuais da categoria Não-leitores⁵: 5% no estudo mais recente contra 12% em 1995. No inquérito sociológico de 1988 esta categoria significava 15% (Freitas e Santos, 1992, p. 15).

Suporte	Ano	
	1995	2007
Livros	53,4	56,9
Jornais	69,4	83,0
Revistas	69,2	73,0
Não-leitores	12,4	4,7
<i>Bases</i>	2.506	2.552

Quadro 1 - Leitores por Suporte e por Ano (1995 e 2007) (percentagem). Nota: Não-leitores, que não referiram ler regularmente qualquer dos três suportes ou impressos-padrão de leitura considerados. Fonte: Santos, Neves, Lima e Carvalho (2007: 47).

Pode, então, afirmar-se que até 2007 a evolução foi de sentido positivo, em linha com os processos de recomposição social da população portuguesa em curso (Viegas e Costa, 1998), designadamente nas dimensões educativa e socioprofissional, duas das mais influentes na explicação dos níveis de leitura (Neves, 2011, pp. 87-91).

Quanto aos livros é visível a quebra dos Não-leitores (51% para 45%), uma quebra ligeira dos Grandes leitores (de 2,7% para 2,3%) e, pelo contrário, acréscimos dos Pequenos (de 34% para 37%) e dos Médios leitores (13% para 15%) (quadro 2).

Tipo	Ano	
	1995	2007
Pequenos	33,7	37,4
Médios	13,2	15,0
Grandes	2,7	2,3
Não-leitores de livros	50,5	45,3
<i>Bases</i>	2.312	2.428

Quadro 2 - Leitores e Não-leitores de livros por Ano (1995 e 2007) (percentagem em coluna)

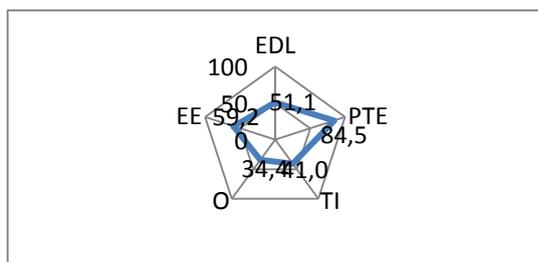
Nota: Pequenos = 1-5 livros; Médios = 6-20 livros; Grandes = + de 20 livros. Fonte: Neves (2011: 155).

Conclui-se assim que, seja qual for o ponto de vista, a cultura de leitura em Portugal registou até 2007, uma evolução positiva com um aumento dos níveis de leitura, em particular de jornais e, especificamente quanto à leitura de livros, um crescimento dos pequenos leitores. O que se poderá explicar pela evolução estrutural da sociedade portuguesa e pelos baixos níveis anteriormente registados. Pode ainda concluir-se que a classe de leitores (na sua componente de grandes leitores de livros), para além de minoritária, registou ainda uma ligeira contração.

2. Classe de leitores: leitura de livros e categoria socioprofissional

Passa-se agora a uma análise da classe de leitores tomando, como indicadores de práticas, a leitura de livros, os géneros e os contextos e, como indicador socioeconómico, a categoria socioprofissional (Tipologia ACM).

O cruzamento dos que leem livros (independentemente do género) pela categoria socioprofissional evidencia duas categorias com valores percentuais mais elevados: PTE (85%) e, secundariamente, EE (59%) (figura 1). A categoria EDL regista ainda um valor relevante (51%) ao passo que nas duas outras predominam os que não leem livros.



Legenda:

EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais;
PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento;
TI, Trabalhadores independentes;
O, Operários;
EE, Empregados Executantes.

Figura 1- Leitores de livros por Categoria socioprofissional (percentagem). Notas: n = 2.160; qui-quadrado significativo ($p < 0,05$). Fonte: Neves (2011: 168).

É, deste modo, notória a clivagem entre os PTE e as demais categorias, sendo que é possível identificar uma hierarquia quanto ao peso dos leitores de livros nestas últimas: EE, EDL, TI e O⁶.

A análise do contingente dos que leem livros, evidenciando agora a sua estrutura socioprofissional, destaca a categoria EE como a que mais contribui para esse contingente, sendo que o contributo da categoria O se situa apenas um ponto percentual abaixo de PTE, como se pode verificar pelo quadro 3.

Categoria socioprofissional	Não lê livros	Lê livros	Total
EDL	17,1	15,6	16,3
PTE	3,9	18,4	11,7
TI	3,6	2,2	2,8
O	38,5	17,5	27,2
EE	36,9	46,4	42,0
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Legenda:

EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais;
 PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento;
 TI, Trabalhadores independentes;
 O, Operários;
 EE, Empregados Executantes.

Quadro 3- Leitura de livros por Categoria socioprofissional (percentagem em coluna)

Nota: n = 2.160; qui-quadrado significativo ($p < 0,05$). Fonte: Neves (2011: 169).

A principal distinção estará, assim, na intensidade e não na leitura ou não de livros. O cruzamento com a Tipologia de leitores de livros mostra que, embora nas várias categorias a grande maioria dos indivíduos sejam Pequenos leitores, os valores mais elevados nos Médios e Grandes leitores situam-se, com nitidez, na categoria PTE (36% e 6%, respetivamente), bem acima da média da amostra que, respetivamente, de 27% e 4%.

A inversão do sentido do cruzamento das duas variáveis, de modo a identificar a estrutura socioprofissional de cada tipo de leitor de livros, acompanha a distinção antes referida. Destacam-se novamente EE e PTE, sendo que esta última categoria é a que regista a diferença mais significativa quando se passa dos Pequenos para os Grandes leitores (quadro 4).

Categoria socioprofissional	Tipologia de leitores de livros			Total
	Pequenos	Médios	Grandes	
EDL	15,4	14,5	15,8	15,2
PTE	15,1	29,4	31,6	18,9
TI	2,6	1,6	-	2,3
O	19,5	11,0	10,5	17,2
EE	47,5	43,5	42,1	46,4
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Legenda:

EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais;
 PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento;
 TI, Trabalhadores independentes;
 O, Operários;
 EE, Empregados Executantes.

Quadro 4 - Tipologia de leitores de livros por Categoria socioprofissional (percentagem em coluna)

Nota: n = 1.110; qui-quadrado significativo ($p < 0,05$). Fonte: Neves (2011: 170).

Confirma-se deste modo que a categoria PTE tem os índices mais elevados de leitura de livros, seguida de EE, ao passo que O é a mais distante da leitura. Constata-se, por outro lado, que há leitores (seja qual for o tipo considerado) em todas as categorias socioprofissionais, mas a que mais contribui para os contingentes totais é EE.

2.1. Géneros de livros

Numa outra perspetiva, segundo o género de livros, constata-se que, na maioria, os valores percentuais mais elevados das preferências recaem nos PTE, sem dúvida a categoria socioprofissional mais eclética, *omnívora*

(Peterson e Kern, 1996), em termos de gostos. Apenas dois deles registam preferências mais elevadas por parte dos EE (quadro 5).

Categoria socioprofissional	Género de livro
EDL	-
PTE	Enciclopédias/dicionários (15,1%) Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos (13,9%) Científicos e técnicos (44,0%) Arte/fotografia (4,8%) Viagens/explorações/reportagens (11,9%) Escolares (9,1%) Infantis/Juvenis (5,6%) Policiais/espionagem/ficção científica (2,8%) Romances de grandes autores contemporâneos (28,2%) Romances históricos (17,5%)
TI	-
O	-
EE	Culinária/Decoração (15,1%) Romances de amor (22,8%)

Quadro 5- Género de livro preferido por Categoria socioprofissional.

Notas: O género é classificado como dominante numa dada categoria socioprofissional quando regista o valor percentual mais elevado em cada cruzamento e este é estatisticamente significativo ($p < 0,05$). Fonte: Neves (2011: 222).

O cruzamento do género de livros pela Tipologia de leitores de livros permite identificar aqueles que mais se destacam em cada tipo (quadro 6). As combinatórias não deixam de ser reveladoras (significativas estatisticamente ou não), sendo de destacar que o género Científicos e técnicos domina entre os Grandes leitores.

Tipo de leitor de livros	Género de livro (<i>qui-quadrado significativo</i>)	Género de livro (<i>qui-quadrado não significativo</i>)
Grandes	Científicos e técnicos Arte/fotografia Romances históricos ($p < 0,06$)	Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos Poesia Viagens/explorações/reportagens
Médios	Escolares Banda desenhada Policiais/espionagem/ficção científica	Infantis/Juvenis Romances de amor Romances de grandes autores contemporâneos
Pequenos	Culinária/Decoração/Jardinagem/Bricolage	

Quadro 6 - Género de livro por Tipo de leitor de livros. Fonte: Neves (2011: 223).

Este resultado parece constituir mais um argumento para que se considere a leitura por razões profissionais, e não apenas a leitura lúdica, entre as práticas características da classe de leitores.

2.2. Contextos de leitura

São vários os contextos ou razões de leitura de que dão conta as categorias analíticas utilizadas: lazer, escolar e profissional. As fronteiras nem sempre são claras e as implicações que advêm de diferentes interpretações das perguntas colocadas também não são de fácil apreensão. Apesar disso é analiticamente relevante comparar os respetivos pesos na sociedade portuguesa. Numa primeira abordagem verifica-se que o da leitura de lazer (sem ser para a escola/trabalho) se destaca com clareza (87%) face às demais (23%, profissionais e educativas como leitura obrigatória e 30%, educativas não obrigatórias). Confirma-se assim que a leitura de livros é sobretudo uma prática cultural.

Mas importa procurar entender qual a relação entre as razões profissionais e de lazer: serão cumulativas ou mutuamente exclusivas? Para a maioria (69%) é exclusiva, confirmando-se assim, de novo, que a principal razão da leitura de livros se situa nos períodos de lazer. Entretanto, importa notar que um em cada cinco leitores lê pelas duas razões (quadro 7).

		Outras razões sem ser escola/trabalho	
		Não	Sim
Razões profissionais	Não	7,8	68,7
	Sim	3,9	19,6

Quadro 7- Leitura de livros por outras razões sem ser escola/trabalho e por razões profissionais (percentagem). Base: leitores de livros de pelo menos uma das razões em análise (n = 1.412).

Notas: (i) o período de referência é “últimos 12 meses”; (ii) Não = Nenhum; Sim = Pelo menos um. Fonte: Neves (2011: 229).

Considerando que o contingente situado na intersecção das duas razões se aproxima da noção de classe de leitores na aceção daqueles que leem regularmente *para o trabalho e por entretenimento* torna-se relevante aprofundar a sua composição socioprofissional. Haverá também que depurar essa categoria de modo a aproximá-la do que se entende por “regularmente”. A opção tomada (que tem em conta os contingentes em causa e o significado estatístico da análise) distingue os que leram entre 1 e 3 (“pequenos”) e os que leram mais de 4 livros (“grandes”) nos 12 meses de referência (quadro 8).

Razões de leitura	Categoria socioprofissional					Total
	EDL	PTE	TI	O	EE	
Nenhuma	8,0	4,3	8,0	5,2	5,8	5,8
Só lazer	62,9	40,9	72,0	82,0	76,3	68,5
Só profissional	6,9	7,7	4,0	5,2	2,3	4,5
Ambas	22,3	47,1	16,0	7,7	15,6	21,1
<i>Dos quais 1-3</i>	18,3	37,0	8,0	6,7	13,5	17,3
<i>Mais de 4</i>	4,0	10,1	8,0	1,0	2,1	3,8
<i>Total</i>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Legenda:

EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais;
 PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento;
 TI, Trabalhadores independentes;
 O, Operários;
 EE, Empregados Executantes.

Quadro 8- Razões de leitura por Categoria socioprofissional (percentagem em coluna)

Nota: qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,05$). Base: casos classificados quanto à Categoria socioprofissional (n = 1.122). Fonte: Neves (2011: 229).

Uma primeira conclusão é que a categoria PTE se evidencia por ser a única com uma distribuição bimodal, ou seja, com um peso significativo não só na leitura Só lazer (por ser o mais baixo, 41%) mas sobretudo pelo de Ambas (claramente o mais elevado, com 47%), sobrerepresentação esta que pode ser atribuída à ambivalência de uma prática em que se misturam motivos de puro lazer e motivos profissionais, ainda que indiretos (Coulangeon, 2005: 50).

A segunda conclusão é que o contingente correspondente aos indivíduos que se situam na intersecção de Ambas razões de leitura e Grandes leitores é inferior a 4%. Qual o perfil social predominante deste último contingente, talvez o que mais se aproxima da noção de classe de leitores? A habitual predominância feminina esbate-se, o que se compreende uma vez que se está a operar com os livros profissionais, género que os homens leem mais (52% *versus* 48%), naqueles que têm Ensino Médio ou Superior e, com especial incidência, nos PTE. Para além de Grandes leitores de livros são também leitores Cumulativos. Mas importa salientar que o perfil social predominante desta categoria de leitores (*a classe de leitores portuguesa?*)

apenas se distingue substancialmente dos demais perfis quanto ao Sexo, uma vez que nas restantes variáveis o que se verifica é um aumento percentual dos atributos por norma (já) mais volumosas.

Conclusão

De acordo com a perspectiva teórica adotada, que distingue cultura de leitura de classe de leitores, conclui-se que a leitura em Portugal tende a generalizar-se, que a leitura de livros parece atravessar um período de retrocesso após 2007 – período coincidente com a aguda crise económica – quando até aí os estudos mostravam avanços significativos nos índices de leitura, o que mostra a fragilidade da *emergente* ou *inacabada* cultura de leitura portuguesa. Conclui-se igualmente que a noção de classe de leitores, categoria social com peso estatístico restrito, se aproxima, embora sem se limitar, à categoria Profissionais técnicos de enquadramento (PTE, de acordo com a tipologia ACM), tanto do ponto de vista das práticas de leitura (são grandes leitores) como das características socioeconómicas (são mais qualificados do ponto de vista escolar e do ponto de vista das atividades socioprofissionais exercidas). A referida limitação é menos nítida quando se tem em conta o contexto profissional da leitura, e não apenas o de lazer, sendo que é justamente na conjugação da leitura nos dois contextos que os PTE mais se evidenciam relativamente a outras categorias, em particular os EE.

Referências bibliográficas

- Coulangeon, Philippe (2005), *Sociologie des Pratiques Culturelles*. Paris: La Découverte.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta.
- Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2007), Classes sociais e recursos educativos: uma análise transnacional em Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (orgs.), *Portugal no Contexto Europeu vol. II. Sociedade do Conhecimento*, Lisboa: CIES-ISCTE e Celta, pp. 5-20.
- Donnat, Olivier (2011), Lecture, livre et littérature. Évolution 1973-2008 In Evans, Christophe (Dir.), *Lectures et Lecteurs à L'heure d'Internet. Livre, Presse, Bibliothèques*. Paris: Cercle de la Librairie, pp. 27-40.
- Eurobarómetro 399 (2013), *Cultural Access and Participation. Special Eurobarometer 399*, Bruxelas: Comissão Europeia, http://ec.europa.eu/public_opinion/whatsnew2013_en.htm.
- Freitas, Eduardo de e Maria de Lourdes Lima dos Santos (1992), *Hábitos de Leitura em Portugal: Inquérito Sociológico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Freitas, Eduardo de, José Luís Casanova e Nuno de Almeida Alves (1997), *Hábitos de Leitura: Um Inquérito à População Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Griswold, Wendy (2000), *Bearing Witness: Readers, Writers, and the Novel in Nigeria*. Princeton e New Jersey: Princeton University Press.
- Griswold, Wendy (2001), The ideas of the reading class, *Contemporary Sociology*, 30(1), pp. 4-6.
- Griswold, Wendy (2008), *Regionalism and the Reading Class*. Chicago e Londres: University of Chicago Press.
- Griswold, Wendy, Erin Metz McDonnell e Terence Emmett McDonnell (2006), Glamour and honor: Going online and reading in West African Culture, *Information Technologies and International Development*, 3(4), pp. 37-52.
- Griswold, Wendy, Terry McDonnell e Nathan Wright (2005), Reading and the reading class in the twenty-first century, *Annual Review of Sociology*, 31, pp. 127-141.
- INE (2012), *Estatísticas da Cultura 2011*. Lisboa: INE.
- Knulst, Wim e Andries Van Den Broek (2003), The readership of books in times of de-reading, *Poetics*, 31, pp. 213-233.
- Knulst, Wim e Gerbert Kraaykamp (1997), The decline of reading. Leisure reading trends in the Netherlands (1955-1995), *Netherlands Journal of Social Sciences*, 2(33), pp. 130-150.

NEA (2013), *How a nation engages with art. Highlights from the 2012 Survey of Public Participation in the Arts*. Washington: NEA, <http://arts.gov/publications/additional-materials-related-to-2012-sppa>.

Neves, José Soares (2011), *Práticas de Leitura da População Portuguesa no Início do Século XXI*, Doutoramento em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação. Lisboa: ISCTE-IUL, Escola de Sociologia e Políticas Públicas <http://hdl.handle.net/10071/6696>

Peterson, Richard A. e Roger M. Kern (1996), Changing highbrow taste: from snob to omnivore, *American Sociological Review*, 61(5), pp. 900-907.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), José Soares Neves, Maria João Lima e Margarida Carvalho (2007), *A Leitura em Portugal*, Lisboa, GEPE.

Viegas, José Manuel Leite e António Firmino da Costa (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras: Celta.

¹ A diminuição em 10 pontos percentuais dos leitores de livros em Portugal acompanha, embora de forma mais acentuada, a verificada na UE-27 que é de 3 pontos (de 71% para 68%) (Eurobarómetro 399, 2013: T9).

² Os leitores por suporte correspondem aos inquiridos que responderam *ler habitualmente pelo menos um género* de cada um deles. A leitura de livros inclui o género “escolares e profissionais” (inquérito de 1995) e os géneros “escolares” e “científicos e técnicos” (inquérito de 2007) e a de revistas os géneros “científicas” e “profissionais/técnicas” (1995) e “científicas ou técnicas” (2007 pelo que não coincidem exatamente com a noção de prática cultural. Adiante-se que, no inquérito de 2007, se se excluir os casos que mencionam apenas os referidos géneros, os leitores de livros baixam de 56,9% para 53,7% e os de revistas de 73,0% para 72,4%.

³ O qual se reporta a um tecido social mais urbano (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 267-275).

⁴ Leitores de jornais 68%, de revistas 61% e de livros 54% (Freitas e Santos, 1992: 28, 44 e 48). O método de construção deste indicador é similar nos três inquéritos.

⁵ A noção de Não-leitor aplica-se aos que não leem habitualmente qualquer dos géneros de livros, jornais e revistas. Contudo, se ser leitor não é necessariamente sinónimo de ser leitor de livros (Santos, 1992), ser Não-leitor também não significa que não leia nada. Apenas 0,5% dos 4,7% classificados como tal se reporta aos que não assinalaram pelo menos uma das 11 opções de leitura presentes no dia-a-dia ou, dito de outro modo, apenas 0,5% da amostra declarou não ler nenhum dos suportes nem qualquer das outras possíveis leituras (Neves, 2011: 152).

⁶ A categoria Operários (O) inclui Agricultores independentes e Assalariados agrícolas (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007: 49).